

Logo que desembarcaram, o imperador e sua família despediram-se d'el-rei, que foi para Belem, e foram a S. Vicente de Fóra visitar el-rei D. Luiz. Eram esperados no jazigo da familia de Bragança por S. M. a sra. D. Maria Pia, acompanhada pelo sr. infante D. Alfonso. O sr. D. Pedrs II mostrou-se muito sensibilizado n'esta visita funebre.

A' saída de S. Vicente, a familia imperial dirigio-se ao paço de Belem a comprimentar a rsinha a sra. D. Amelia, com quem conversou algum tempo. De Belem retiraram-se para os seus alojamentos no *Hotel Bragança*.

A familia imperial chegou ao hotel ás 3 horas e 20 minutos. Vinha em *landaus* descobertos da casa real, puxados a duas parelhas.

Na primeira carruagem vinham Suas Magestades os imperadores, e no assento de diante a princeza imperial.

O imperador desceu primeiro e ajudou depois a descer a imperatriz. Para que esta senhora podesse apertar-se, foi necessario collocar-lhe junto da portinhola um dos assentos daalmofada, a servir de estribo.

No vestibulo esperavam Suas Magestades grande numero de pessoas da colonia brasileira e alguns jornalistas.

A primeira pessoa que beijou a mão ao imperador foi o sr. Pinheiro Chagas, que estava á porta do hotel.

Sua Magestade disse-lhe, com ar affectuoso e risinho:

— Adeus, Chagas; então tem-se escripto muito?

Depois o imperador foi comprimentado pelos membros da colonia brasileira, que se achavam no vestibulo do hotel, dirigindo a todos phrases amaveis.

Esta scena durou alguns minutos. Suas Magestades, seguidos de sua familia e pessoas do sequito, dirigiram-se em seguida ao andar nobre do hotel, aos aposentos que lhes foram destinados e que estão mobilados com muito gosto e sumptuosidade.

Além das pessoas da familia imperial, vinham ainda a bordo do *Alagoas* formando a comitiva — viscondessa da Fonseca Costa, barões de Lazareto, conde da Motta Maia e filho, barões de Maritibi, dr. André Rebouças, aio dos principes, Fritz Stokl, D. Joannade Alcantara, D. Leonilda Esprozel, D. Ludomilla de Santa Mora, D. Maria da Gloria, D. Julieta Alves, W. Bouchet, Eduardo Damer e Guilherme Camerloker.



CONDE DA MOTTA MAIA
Medico do Imperador.

A ILLUSTRAÇÃO offerece aos seus leitores os retratos de toda a familia imperial, assim como o retrato do conde da Motta Maia, medico particular do sr. D. Pedro II, e que tão dedicado tem sido ao ex-imperador.

A proposito do dom de 5:000 contos que o governo provisorio offereceu ao sr. D. Pedro II, para despesas de viagem, e acerca do qual fizemos varias reflexões no passado numero da ILLUSTRAÇÃO, — é do nosso dever transerever as seguintes linhas que encontramos no nosso distincto collega de Lisboa, o *Dia*:

« Eis como se originou o boato.

Mal se soube que a familia real ia deixar o Brazil, o tenente coronel Guilherme Lassance, mordômo do sr. conde d'Eu, foi ao thesouro e ali disse que estranhava que assim se expatriasse uma familia sem se lhe darem meios para a viagem, ao que lhe foi respondido que o governo punha á disposiçã do imperador a quantia de cinco mil contos.

Isto, porém, chegou aos ouvidos de S. M. o imperador, que ordenou logo ao seu mordômo que nem então nem depois accceitasse qualquer quantia que fosse, salvo a que lhe podesse ser arbitrada pelas constituintes.

A REPUBLICA BRAZILEIRA: — CAMPOS SALLES.

Continuamos hoje, com o retrato do sr. Campos Salles, a serie dos retratos dos homens mais eminentes que se acham á frente do movimento republicano que aboliu a monarchia, e dos que fazem parte do actual governo provisório.



CAMPOS SALLES
Ministro da Justiça do governo provisório do Brazil.

E á proporção que fomos adquirindo outros documentos interessantes acerca do Brazil e dos seus homens publicos, assim os iremos dando a lume, para que a ILLUSTRAÇÃO ponha d'este modo o publico portuguez ao corrente de todos os acontecimentos — acontecimentos que tanta impressão tem causado em Portugal. E o contrario é que seria para estranhar, porque os brasileiros representam na America uma parte da alma portugueza, ainda hoje espalhada por todos os continentes com gloria nossa e proveito da civilisacão humana.

O ministro da justiça do actual governo provisório, o sr. Campos Salles, é um advogado paulista, intelligente, de palavra facil e fluente, que ha longos annos milita pela causa republicana tanto na imprensa como nas reuniões publicas. É novo ainda, quarenta annos quando muito, e conta grande numero d'amizades não só na sua provincia, como no Rio de Janeiro. Foi deputado geral na legislatura de 1884.



INSTRUI!...

A felicidade! Em que é que consiste essa illusã? No amor? Na saude? Na riqueza? De que serve que um homem encontre todas essas fortunas invejadas, se por cada homem que as possui ha um milhão de homens que as não tem?

Ha-de nascer o primeiro venturoso quando morrer o ultimo desgraçado.

Amantes apaixonados e millionarios sybaritas, que no vosso egoismo vos julgaes inteiramente, completamente felizes, para

augmentar ainda a vossa felicidade, dedicovos o seguinte idyllio gracioso, escolhido agora, e ao acaso, de entre muitos outros que succedem no vosso paraizo terreal.

A praça está deserta. A noite é fria como gelo. E, enquanto as begoneas dormem no conforto das estufas, ha ali uma creatura humana que dorme na pedra das calçadas.

E' um mendigo e um ladrão. De dia pede esmola, e á noite exige-a. A' hora da missa encontra-se á porta das igrejas, e é o mendigo; á hora do crime encontra-se á esquina das viellas, e é o ladrão. De dia traz muletas, de noite traz navalha.

Vêde-o. E' uma ignominia embrulhada n'um farrapo. Cahiu ali como um fardo de miseria, estupidamente, brutalmente, mascarando pragas.

De onde veio esse homem? Da prostituição, do lodo anonymo. Entrou na vida pelo postigo de uma roda, e ha-de sahir da vida pelo alçapão de uma guilhotina. Rompeu de um ventre, como um saço de um esgoto.

A mãe quando o deu á luz, não viu o fructo do seu amor; viu a prova do seu crime. Escondeu-o no mysterio como o assassino esconde a sua victima.

E o pae? Seria um principe, ou um condemnado das galés? E' indifferente. Em ambos os casos, um bandido.

E de resto que lhe importa a elle! E' um fructo do chão, um fructo podre. Vem do estrume e vae para a fossa.

Aos dez annos conhecia todos os vicios, ignorava todas as virtudes. Na época em que as creanças roubam ninhos, elle roubava relogios. Precocidades.

Quando as outras são anjos, já elle era gatuno. Na idade em que se aprende a lêr, elle aprendia a assobiar.

Os preconceitos e os crimes buscam cerebros analphabetos, como os morcegos e os chacaes buscam os subterraneos ás escuras. Ha mais luz nas vinte e quatro letras do abecedario, do que em todasas constellações do firmamento.

Não teve mãe, não teve pae, não teve berço e não teve escola. Germina como um tortulho venenoso. A lama ensanguentada da miseria tem d'estas gerações espontaneas!

Aos quinze annos deixou de ser gatuno para começar a ser ladrão. Já não tirava lenços das algibeiras, tirava libras das gavetas. Ao principio entrava pelas portas, depois chegou a entrar pelos telhados.

Progrediu por tal modo, que na idade em que se recebe na igreja a primeira comunhão, elle recebia no tribunal a primeira sentença. Seis annos de cadeia: uma formatura em ladroagem. Quando entrou levava uma gazua, quando sahiu trouxe uma navalha. Foi rapazola e veiu tigre. A cadeia enguliu um malandro, e vomitou um assassino. Aperfeiçoou-o no roubo e leccionou-o na faca.

D'ahi em diante distribuiu o seu tempo d'este modo: Tres annos nas galés e tres mezes na taberna. Um assassino sae muitas vezes de uma garrafa. O vinho, propriedade tenebrosa!... combinado com o sangue.

A' bebedeira seguiu-se a indigencia, o *delirio tremens*. Naquelle cerebro de preversidade passou um terramoto de loucura.

Por fim ali o tendes. E amanhã a estas

horas, quem sabe! estará talvez n'uma guilhotina, dentro de uma cova. ou no fundo de um rio. O cutelo, a miséria e o suicídio, disputam-no entre si. Tres abutres á espera de um cadáver...

Philantropos sociaes, respondi-me a isto: As vossas estatísticas dizem—a instrução diminua a perversão. — Quer crime, o alphabeto diminua o crime. O crime é uma doença da alma, como uma pneumonia é uma doença dos pulmões.

Para a doença ha um remedio e para o envenenamento ha um antidoto. Como se deita abaixo uma cadeia? Acotovelando-a com uma escola. O professor ha de eliminar o carcereiro.

A luz absorve os miasmas do espirito, como os arvoresdos os miasmas dos pantanos. No homem ha duas coisas — o instinto, que é um cego, e a consciencia, que é um pharol. As consciencias são as sentinellas dos instintos. A razão é o domador dos appetites.

Como se faz a separação? Illuminando as ruas? Não; illuminando os cerebros. A grilheta castiga os assassinos, mas não resuscita os assassinados. Não indemnisa, vinga.

Ora muito bem, senhores economistas philantropos.

Se as vossas estatísticas, com a exactidão precisa de um thermometro, vos declararam que a instrução faz baixar a criminalidade de cincoenta, quarenta, vinte por cento que seja; se ellas vos affirmam, repito, essa verdade indiscutivel, respondi-me claramente á pergunta que vos faço.

Dentro de uma cadeia ha cem analfabetos. Se a sociedade os tivesse ensinado a rolar, esses cem criminosos ficariam soltados a oitenta. Quem é, pois, responsavel pelos outros vinte? A sociedade.

Se não admittis a conclusão, rasgue as estatísticas; se a admittis, como creio, fareis o seguinte:

Ha um jury instituido para julgar um assassino analfabeto. A sentença deve ser esta:

Considerando que as feras não podem andar em liberdade pelas ruas;

Considerando que a miseria do criminoso foi um incentivo para o crime;

Condemnamos o monstro a ser mettido n'uma jaula;

Condemnamos o ignorante a ser mettido n'uma escola;

E condemnamos o vadio a ser mettido n'uma officina.

Dem-lhe uma escola, um alphabeto e uma ferramenta.

Mas considerando que, se a sociedade tivesse fornecido um a e e ao ignorante, e um officio ao mendigo, a somma da ignorancia com a miseria não produziria este resultado — o crime;

Considerando que a sociedade foi a causa, e o bandido foi o effeito;

Condemnamos a Sociedade a que de instrução a todas as creanças, e de trabalho a todos os famintos, applicando-se mais a evitar os assassinos, do que a regenerar os assassinos.

GUERRA JUNQUEIRO,



VORREI MORIRE!

Canta uma voz... E noite... A noite é fria, o seu gottico suspiral... Simbra rosa. Dices voz de mulher!... Paíra, sombria, na treva espessa uma tristeza immensa...

Canta: tem gritos de paixão fremente... Abre-se o coração — gruta em ruínas — para sover-lhe a melodia ardente, para escutar-lhe as notas crystallinas.

Canta: as notas soluçam... Ha queixumes longos, tristes, sentidos, dolorosos... Passam na noite, em lagubres cardameas, todas as queixas dos perdidos gosos...

Almas que morrem: corações partidos em plena flor, em plena mocidade — n'aquelle canto achalmos em gemidos, gemem na angustia da immortal saudade...

Aquella voz, aquella voz sublime — voz de archanjo e mulher, forte e sonora — no latente arrouço, gemedora, exprime quanta magua de amor o mundo chora!

Oh, sons, que passam — passam orvalhados de sangue e pranto... soam, lancinantes, os tristes ais dos peitos desprezados, as supplicas perdidas dos amantes...

— 'Vorrei morire!' — Como é cedo ainda! Voz de mulher e moça — e falla em morte! Lança na noite uma amargura infinda essa queixa tristissima da sorte.

Dizem que a vida é bella, é boa a treva... O vento lá por fóra, nos espaços galopando febril, nas atas leva um fremito de beijos e de abraços...

E, no entanto, ha labios solitarios, labios sedentos de gostosos beijos, almas mortos nos tragicos calvarios dos impossiveis e fataes desejos!

Quanta tristeza! Aos poucos se esvaece a voz que canta... As almas dos Trahidos, cothendo no ar as notas d'essa prece, ungem na sombra os corações feridos.

Calou-se a voz. Na escuridão, furtiva, não ha canção de brisa que suspire... Rola... cae-me do olhar lagrima esguia, soluço o coração: « Vorrei morire! »

MEDRINHOS E ALBUQUERQUE.

A « ILUSTRAÇÃO » 3 VEZES POR MEZ

Continuamos a receber numerosas adhesões de todos os pontos de Portugal e de varias cidades do Brazil á ideia apresentada por alguns vrs. Assignantes, de Illustração passar a publicar-se tres vezes por mez, em vez de duas, como actualmente succede, — a fim de poder dar maior desenvolvimento tanto á sua parte artistica, como á sua parte litteraria.

Esta ideia tem tido um acclimamento que excede a nossa expectativa, porque a verdade é que nós nunca julgamos que as adhesões fossem tão numerosas, e tão vivas as sympathias que a Illustração conta na sociedade portugueza e brasileira.

Mas ainda estamos longe de possuir as adhesões do que em nossa consciencia entendemos ser a maioria dos nossos leitores.

E' por isso que continuamos a sollicitar a opinão de todos os leitores da nossa Revista. As pessoas que desejam que a Illustração, seja ou não seja publicada TRES VEZES POR MEZ devem manifestar o seu voto n'um bilhete postal assim dirigido:

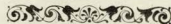
DIRECTOR DA ILUSTRAÇÃO

13, Quai Voltaire, 13

FRANCE

Paris.

Todos os votos de approvação ou reprovação devem trazer claramente indicados os nomes e as moradas dos signatarios.



DEBAIXO DA GUILHOTINA

VER uma guilhotina em repouso, em estado inoffensivo, é desejo, que nunca tem abandonado.

Fiz nos meus livros tanta gente subir ao cadafalso, que não é curiosidade indesculpavel em mim a pretensão de saber como é construido o apparelho. E' verdade que o tinha visto representado em gravuras, mas d'esto modo deixa apenas recordação muito vaga.

Sentia-me pois, a pesar meu, attrahido para a guilhotina do muscu da sr. Tussaud, ou antes para a guilhotina do sr. Samson, conforme reza uma inscripção encasilhada.

Pois affianço-lhes que é um machinalissimo alhamento engenhoso, com o qual tinha direito de ufamar-se o cidadão guilhotina.

A da sr. Tussaud nada deixa que desejar. E'completissimo. A' direita vê-se de prevenção o cesto. O alcapão está decido e o cutello no alto. Falta apenas o réu.

Ha pouco tempo esta guilhotina, prompta para funcionar, tentou um parisiense, que quis ver que tal estaria sobre o alcapão e como o pescoço mettido no postigo; para tal fim levantou a parte movel d'este, estendeu-se sobre o alcapão, metteu o pescoço pelo buraco, e uma vez all, baixou até ao nivel da nuca a corrediça, na ideia de que depois não teria mais que levantar-a e encolher a cabeça, como faz o caracol quando quer metter-se na casca.

Mas o parisiense estava enganado: sentindo o pescoço do postigo tem que ficar all preso até cair o cutello. Podia lá ser o contrario, trahindo-se de um apparelho tão serio como a guilhotina!

Uma pequena moia que se pôde dissimuladamente em movimento fita a corrediça, e como esta moia só é concebida do carraço, ainda não poderia mover-se.

E' mister prever tudo.

Assim pois o nosso parisiense, depois de permanecer cinco minutos sobre o alcapão e com a cabeça mettida pelo postigo, conhecendo que via apenas a serradura existente no fundo do pescoço satisfez-se, tentou levantar a corrediça para retirar a cabeça, e depois proseguir na sua visita ao muscu, metter-se outra vez na carruagem e voltar para a hospedaria.

Já o nosso homem imaginava o effeito que havia de produzir em França, ao contar aos seus companheiros de meza redonda, que tinha ensaiado a guilhotina onde metterea Luis XVI e mettido a cabeça pelo mesmissimo postigo por onde metter a sua o neto de S. Luiz. Accrescentaria contudo:

— Mas eu cá fui menos tolo: tirei-a.

Como vêem, o parisiense tinha já composto a sua phrase de espirito, e tudo o mais.

Mas, desgraçadamente para elle, não deitara bem as contas.